

Estudo da saúde em populações do passado e do presente numa perspetiva biocultural

NO FECHO DAS COMEMORAÇÕES DOS 25 ANOS DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ANTROPOLOGIA E SAÚDE, INTEGRADO NA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PERCEBEMOS A DINÂMICA DESTA GRUPO DE INVESTIGADORES QUE ALCANÇA CRESCENTE DIMENSÃO INTERNACIONAL.

O Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (CIAS) é uma unidade de investigação na área da antropologia biológica sendo um grupo interdisciplinar com investigadores das áreas da antropologia biológica, arqueologia, ciências da saúde, geografia humana, nutrição, ciências do desporto e biologia molecular, que se encontra organizado em três grupos: Biologia Humana, Saúde e Sociedade; Povos e Culturas do Passado; Genes, Populações e Doenças.

Nos últimos cinco anos, o CIAS apresenta um crescimento exponencial da sua produção científica nos planos nacional e internacional. Um aumento que, segundo o entendimento da diretora, a Prof. Dra. Cristina Padez, surge como consequência do “bom financiamento” obtido na avaliação de 2013 da Fundação para a Ciência e Tecnologia, “que, naturalmente, se refletiu em mais atividade e mais produção científica”.

Biologia Humana, Saúde e Sociedade

Preparando o futuro, o grupo Biologia Humana, Saúde e Sociedade, coordenado por Cristina Padez, vai dar continuidade ao importante trabalho desenvolvido, na área da obesidade infantil. Serão publicados os dados do último projeto sobre as “Desigualdades sociais na obesidade infantil”, estando previsto para breve o lançamento desses resultados, que revelam uma diminuição dos valores de obesidade infantil, ainda que se verifique uma descida mais acentuada em crianças filhas de famílias com nível socioeconómico mais elevado. “Há um gradiente social muito acentuado”, reforça a investigadora, manifestando o interesse de, num futuro muito próximo, continuar este trabalho, “desta vez com estudos longitudinais centrados nas desigualdades sociais e nos comportamentos sedentários, a par do tempo de exposição a novos dispositivos tecnológicos como o iPad e os smartphones”. Os estudos longitudinais pelas suas características permitirão aprofundar questões como: “Qual a evolução do

tempo de televisão com a idade? Que efeitos apresentam as novas tecnologias? Que influência têm os conteúdos que as crianças veem, nas suas escolhas alimentares? Que efeitos têm estes comportamentos sedentários na saúde e bem-estar das crianças e na obesidade? Qual o papel das desigualdades socioeconómicas na evolução destes comportamentos sedentários?”.



Genes, Populações e Doenças

O grupo Genes, Populações e Doenças foca a sua investigação na análise da variabilidade genética humana sob o ponto de vista molecular, mantendo uma relação de estreita colaboração com o grupo de Biologia Humana, Saúde e Sociedade em temáticas como a obesidade. No futuro, Licínio Manco, coordenador do grupo, pretende dar continuidade às linhas de investigação que vêm sendo desenvolvidas, como a genética da obesidade, com recurso às tecnologias de sequenciação de DNA de nova geração (NGS - Next Generation Sequencing) para identificação de novos genes ou novas variantes associadas às formas raras de obesidade – falamos do estudo de crianças com obesidade severa, que à partida poderão ter alterações em genes que são causadores das formas monogénicas da doença. No mesmo sentido, David Albuquerque, investigador de pós-doutoramento, está a utilizar as novas tecnologias de sequenciação massiva de DNA (NGS) com o objetivo de compreender a base genética da obesidade comum.

Por outro lado, pretende-se manter, na área da Hematologia, a colaboração com o Serviço de Hematologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) no estudo da variabilidade genética associada a patologia do glóbulo vermelho.

No âmbito dos estudos forense, prevê-se o desenvolvimento de diversos modelos de predição de idade com base na metilação de DNA com recurso a diferentes tipos de amostras biológicas humanas, nomeadamente sangue, dentes ou ossos. As aplicações forenses deste tipo de trabalho podem permitir a estimativa da idade, por exemplo, de restos humanos não identificados em casos de desastres de massa ou de material biológico em locais de crime. Um tópico de interesse para o estudo das populações do passado como para casos forenses atuais.

Populações e Culturas do Passado

O grupo de Populações e Culturas do Passado, faz com a sua investigação uma viagem de 8 mil anos – com projetos centrados em populações que remontam ao Neolítico até às mais recentes – assumindo como principais objetivos, “tentar compreender quem eram os nossos antepassados, de que forma viviam, que doenças tinham e como se movimentavam dentro e fora do território português”. A sua investigação centra-se, principalmente, na análise de materiais osteológicos recolhidos em escavações. Neste campo, são profícuas as colaborações internacionais, nomeadamente,

com vista a potenciar a utilização do ADN antigo na compreensão das dinâmicas populacionais e na co-evolução entre humanos e agentes patogénicos.

No futuro, Vítor Matos, coordenador do grupo, manifesta a intenção de dar continuidade a esta linha de investigação: “No fundo nós evoluímos conjuntamente com as doenças infecciosas, e o impacto biológico e social desta interação é pouco conhecido. Por exemplo, sabemos que a peste negra dizimou cerca de um terço da população europeia mas no caso de Portugal ainda há muito para investigar neste domínio”. Com semelhante empenho, será dado azo a uma série de projetos de investigação, um dos quais dedicado à descoberta e caracterização, por intermédio de análises de ADN antigo, das principais estirpes de micobactérias que no passado provocaram doenças como a lepra e a tuberculose na população portuguesa (num trabalho científico que decorre em parceria com universidades de outros países, tais como Alemanha, Suíça ou Austrália).

